

MOTRIVIVÊNCIA: primeiros passos, contribuições e perspectivas

José Américo dos Santos Menezes¹
Solange Lacks²

Resumo Abstract

O texto apresenta os primeiros passos da revista Motrivivência no final da década de 1980, sua contribuição na formação de professores de Educação Física, bem como as perspectivas futuras.
Palavras-chave: Motrivivência, Educação Física, conhecimento científico.

This text presents the Motrivivência magazine beginning at 1980-decade end, its contribution for formation of Physical Education professors, as well as its futures perspectives.
Key words: Motrivivência, Physical Education, scientific knowledge.

1. Introdução

O presente texto apresenta dois relatos referentes à revista Motrivivência, publicada pela Universidade Federal de Sergipe, em seus primeiros anos de existência. O primeiro relato apresenta sua grande contribuição pedagógica para a graduação de um estudante da referida universidade, no final da década de 80. O segundo relato diz respeito a sua importância científica para uma mestranda em Educação Física, da Universidade de Santa Maria, e, finalmente, as perspectivas atuais da revista.

2. As impressões de um ex-estudante³

Em 1988, surge o primeiro número da revista Motrivivência. Naquela época, a Educação Física brasileira vivia o ápice de inúmeras reflexões importantes sobre seu papel no contexto social e político, surgindo novos olhares para essa disciplina, influenciados pelas Ciências Humanas. Na década de 1980, configurou-se um momento especial, em que a sociedade brasileira se exaltava na euforia de reorganizar-

se politicamente. No âmbito educacional, surgem diretrizes políticas e filosóficas no sentido de que os diferentes conhecimentos, materializados no currículo escolar, contribuíssem de forma crítica para o processo de redemocratização da sociedade brasileira.

Esse clima político influenciou vários profissionais da Educação Física que, desejando participar, através de sua atuação pedagógica, do novo cenário da educação brasileira, ingressaram em cursos de pós-graduação (mestrados), da área das Ciências Humanas. Até então, os mestrados em Educação Física centravam suas linhas de pesquisa na área das Ciências Biológicas, que não atendiam, em hipótese alguma, as reflexões pretendidas. O fato é que inúmeras produções dos professores de Educação Física intentavam-se em conceitos e perspectivas pedagógicas que, sustentadas em certezas construídas desde o início do século XX, foram consolidadas nos anos de 1960 e 1970. Isso estimulou a comunidade de estudantes e professores de Educação Física, em especial do ambiente universitário, a instalarem um fecundo debate sobre os rumos da disciplina no Brasil.

Ainda vale destacar que, na metade da década de 1980, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE - inicia um novo rumo, em que o olhar das Ciências Humanas, em suas diferentes perspectivas, após árduas lutas, passa a predominar naquela instituição, com o gradativo afastamento da orientação das Ciências Naturais.

Essa conquista, histórica para alguns, representou a possibilidade de um grande salto qualitativo, uma vez que não somente se ampliava uma perspectiva científica, mas também se consolidava um importante espaço político em que se aprofundava, pode-se dizer assim, “uma rica crise” que a área vivia e mais aproximou o CBCE dos professores de Educação Física de todo o Brasil. Ampliava-se, assim, de certa forma, os debates conceituais que então aconteciam.

Em Sergipe, esse contexto é acompanhado pelo curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, na figura de alguns professores que se sintonizavam com os debates e produções que ocorriam. Seu corpo docente contava com apenas três mestres, sendo um deles o Prof. Maurício Roberto

da Silva, que se integrava totalmente com o momento inovador que se vivia, tornando-se, com grande empenho, o primeiro docente sergipano adepto do então pensamento contra-hegemônico da Educação Física. Ele significou, na segunda metade da década de 1980, uma importante referência no Nordeste brasileiro. Tratava-se de um educador com grande capacidade intelectual e de trabalho que o limitado contexto conceitual da Educação Física sergipana não conseguia entender.

É, justamente, através de um pequeno grupo de professores e estudantes, liderados pelo professor Maurício, que nasce a revista *Motrivivência*. Sua linha editorial se propunha a “dedicar-se aos temas mais polêmicos da motricidade humana [...] e divulgar as produções científicas que se posicionem pela eliminação dos preconceitos e mitos que historicamente instalaram-se na Educação Física”⁴. Anunciava, ainda, o intuito de “[...] unir forças e tendências para que com uma visão de mundo mais ampla possamos lutar efetivamente pela reconstrução de um país onde valha a pena viver [...]”.

Tratava-se da primeira revista do Norte e do Nordeste, da área de Educação Física, editada por uma universidade. Tal fato revela o pioneirismo de Motrivivência, que mais se percebe ampliado quando se tem em conta sua completa sintonia com a perspectiva de que a produção e veiculação do conhecimento se constituíam em passos fundamentais para o amadurecimento e avanço da Educação Física brasileira, em uma perspectiva epistemológica diferenciada.

Para nós, estudantes que testemunhavam esse rico acontecimento, a criação da Motrivivência representou, acima de tudo, um aumento da auto-estima acadêmica, uma vez que, através da revista, tínhamos acesso a produções de autores formadores de opinião, que nos mantinham, portanto, atualizados com os debates sobre a Educação Física brasileira.

Através da Motrivivência, nós vimos a importância da produção do conhecimento, já que as leituras do material produzido provocaram transformações em nossa visão de homem, de educação, principalmente de Educação Física, de sociedade, de cultura etc. A revista Motrivivência constituía-se, para os estudantes que se aproximavam desse importante espaço de produção, um currículo paralelo mais atualizado, envolvente, criativo e

humanizador de nossa formação.

Outra importante contribuição pedagógica da revista Motrivivência, para os alunos e professores de Sergipe, foi o estímulo à pesquisa e à publicação. A revista já nasceu como um espaço aberto e qualificador, para docentes e discentes, em um momento em que escassas eram as publicações, porque escassos eram os espaços e oportunidades para tanto. Enfim, a revista oferecia ao Nordeste e, certamente, ao país um valioso instrumento de debate, de atualização e produção.

A consequência direta desse fato foi o surgimento de grupos de estudos, no curso de Educação Física da UFS, com o propósito de investigar e entender melhor o momento que vivia a Educação Física brasileira. O envolvimento com esses grupos serviu de estímulo à iniciação científica em sua exata acepção. A Ciência, na Educação Física, passou a ser objeto de maior interesse. Isso, porque passamos a perceber a importância da aplicação social da Ciência, a entender que não existe uma única orientação epistemológica para a Ciência e que a Educação Física, até então, era orientada, predominantemente, por uma perspectiva empírica, que enfatizava os aspectos analítico-fisiológicos de caráter técnico. Entendíamos, também, que nessa perspectiva os dados obtidos se revesti-

am de uma aparente neutralidade científica, visto que se encontravam isolados, independentes do contexto histórico e da realidade.

À medida que compreendíamos a natureza dos pressupostos teóricos que servem à Educação Física, víamos que a revista *Motrivivência* não se configurava apenas como um espaço democrático de debate e veiculação de conhecimentos, constituía-se, também, num rico e encorajador espaço, pois estimulava o desenvolvimento de uma orientação científica que resultasse no conhecimento específico da Educação Física, cujos objetivos se centrassem nas reais necessidades dos indivíduos e da sociedade, em que se visse o homem como ser dinâmico em uma realidade também dinâmica, um ser que constrói sua própria história, mesmo diante das contradições advindas dessa sua construção, enfim, o homem tido como ser social e histórico.

Além desses aspectos, a revista *Motrivivência* nos possibilitava, também, uma educação estética através das belíssimas e inteligentes ilustrações, em suas capas e páginas, resultados de uma brilhante capacidade de comunicação artística. Acrescentam-se, também, os editoriais que conseguiam radiografar, de forma crítica e poética, o momento sócio-político em que

cada número era lançado, os valiosos poemas e pensamentos de homens que marcaram a história da humanidade, a seção “Humores e rumores”, com charges inteligentes e criativas, e, finalmente, as fotos que eram expressivos registros da condição humana, que nos convidavam a “olhar” e refletir, de forma inteira, sobre lacunas, dores, ousadias e transcendências humanas.

Quanto a uma outra importante contribuição que gostaria de destacar, só é possível sua percepção após um certo distanciamento no tempo. Diz respeito ao “sacrifício” ao ideal, ao projeto utópico no sentido marxista. São sabidas as inúmeras dificuldades que se enfrentam para materializar, numa universidade pública periférica, um periódico de circulação nacional.

A inexistência de uma política de desenvolvimento científico, atrelada a uma política de planejamento social e econômico mais amplo, no Brasil, provoca um grande abandono dos denominados setores periféricos da inteligência nacional. Neles, fazer Ciência, produzindo conhecimentos valiosos, exigiu e continua exigindo esforços individuais e coletivos intensos. A *Motrivivência* só foi possível graças à existência de um projeto contra-ideológico que teve uma certa compreensão do papel dos intelectuais na sociedade,

associado a um grande esforço humano, fonte propulsora de sua efetivação.

Para finalizar, podemos afirmar que a implantação da revista Motrivivência foi significativa para a Educação Física sergipana, em especial na Universidade Federal de Sergipe, pois, dentre outros aspectos, auxiliou o fortalecimento do curso, introduzindo-o na produção acadêmica, até então pouco visitada.

Na condição de estudante e, hoje, professor, não posso ficar sem reconhecer sua imensa contribuição para minha formação e de tantos outros, desejando que tenham vida longa esse espaço e outros semelhantes que existem ou vierem a existir nesse país ainda tão carente de produção científica.

3. As impressões de uma experiência⁵

Cheguei em Aracaju em 1990, quando cursava o mestrado em Educação Física, na Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Imediatamente procurei aproximar-me do Curso em Educa-

ção Física, da Universidade Federal de Sergipe. Nele, encontrei professores que faziam de seus cotidianos pedagógicos a verdadeira materialização do que se chama produção do conhecimento. Entre eles, estava o Prof. Maurício Roberto da Silva, que naquele ano lançava o terceiro número da revista Motrivivência, em que se tratava da temática “O corpo”. Com essa minha aproximação, procurei saber da história da revista.

Ela nasce a partir de um evento científico, que teve como tema central a “Ciência da Motricidade Humana”, realizado na Universidade Federal de Sergipe sob a organização e coordenação do mencionado professor, Maurício Roberto da Silva, em 1988. A revista tinha, então, o objetivo de estimular a produção do conhecimento, divulgando, principalmente, os trabalhos de grupos de estudos e pesquisas interdisciplinares que se estruturavam na Universidade Federal de Sergipe e em outras universidades. Participaram desse importante momento histórico estudantes⁶, professores⁷ e um jornalista⁸. O próprio evento, que teve

como conferencista o Prof Manuel Sérgio, de Portugal, deu sua contribuição para a definição do nome da revista. A “motricidade” humana colocava-se como objeto de estudo da Educação Física e “vivência” como a articuladora da relação teoria-prática.

A partir do objetivo principal, o de possibilitar a socialização do conhecimento em seus vários níveis de elaboração, a revista foi organizada em diferentes seções: o “editorial”, elaborado, evidentemente, por seu próprio editor, o Prof Maurício Roberto da Silva, desenvolvendo sempre uma reflexão crítica que, priorizada nas abordagens científica e pedagógica, transcende para a política e a poética, tratando da temática de cada edição; em seguida, uma seção inicial, introdutória da temática escolhida, geralmente constituída por artigos de pesquisadores experientes das áreas de Educação Física, da Educação propriamente dita ou das Ciências Sociais ou Humanas. Como critério para a escolha desses autores, a constatação de serem eles referências necessárias do pensamento crítico relacionado às temáticas escolhidas ou, pelo menos, a outras,

suas subsidiárias⁹.

Merecem destaque, ainda, outras seções, sendo elas “Ponto de vista”, “Experimentando”, “Grupo de estudos”, “Cientifique-se” e “Porta aberta”, todas voltadas à socialização do conhecimento produzido, publicando desde trabalhos de iniciantes na pesquisa científica e monografias de conclusão de graduação, até relatos de experiência, resultados de atividades de grupos de estudos, dissertações de mestrado etc. Apesar da franca abertura de possibilidades para a publicação dos mais variados estudos, sempre se procurou, através de uma comissão científica, assegurar a boa qualidade dos textos, recorrendo-se, inclusive, a uma outra comissão, a parecerista. Nesse sentido, garantiu-se uma linha editorial caracterizada por uma abordagem crítica original, de caráter social e interdisciplinar.

A publicação da revista foi marcada por enormes dificuldades, pois o editor manteve como princípio ético a proibição de publicidade, mesmo como meio de obtenção de recursos. Seus quatro primeiros números foram editados pela gráfica do SESI, do Rio de Janeiro, que, por sinal, exigiu mediação e diálogo

gos constantes para que se mantivesse a linha editorial original.

Em 1992, já como professora da Universidade Federal de Sergipe, contribuí na comissão editorial do quarto número, cuja temática foi “A Educação Física escolar e o compromisso com a escola pública”. Na oportunidade, colocava-se que, como o compromisso da escola pública é com a autonomia, a liberdade e a capacidade crítica na ação, devemos considerar que, em uma sociedade de classes antagônicas, a luta se dá pelo confronto dos interesses de classes como afirmação de projetos políticos divergentes, corporificando-se os resultados dessa luta nas instituições, nos governos, nos movimentos sociais, nos projetos pedagógicos, nas aulas de Educação Física. Válida a lembrança:

Pensar que os projetos pedagógicos da Educação Física escolar escapam destas circunstâncias é, no mínimo, ingenuidade, senão estratégia de luta. Pensar que uma proposta pedagógica para a Educação Física escolar pode ser espontaneísta é ingenuidade, ignorância ou intenção política conservadora [...]. A Educação Física escolar brasileira não poderá mais continuar excluindo o contexto conceitual, histórico e social que forma o horizonte mais amplo, dentro do qual a aula de Educação Física obtém seu sentido (TAFFAREL, 1993, p. 45).

Em 1993, o Prof Maurício Roberto da Silva transfere-se para a Universidade Federal de Santa Catarina e junto com ele Motrivivência. Na UFSC, o professor encontrou o Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física – NEPEF -, que assumiu a tarefa de continuar editando a revista. Os recursos para a editoração foram buscados tanto no Centro de Desportos como no CNPq.

Neste mês, setembro de 2004, prepara-se o vigésimo número de Motrivivência. Durante seus 15 anos de existência, a revista esteve sintonizada com problemáticas significativas da área de Educação Física, tais como: a pesquisa; a questão das relações entre teoria e prática; o jogo e o brinquedo; a globalização e profissionalização; políticas públicas; elementos teórico-metodológicos; movimentos sociais; corpo e sociedade; esporte, lazer e mídia; esporte, lazer e gênero. O mais relevante nessa trajetória é a constante luta para manter o perfil editorial da revista, realçando-se o trabalho coletivo, a socialização de diferentes níveis de elaboração do conhecimento científico crítico, os editoriais densos em conteúdo e estéticos na forma. Essas características possibilitam a Motrivivência um perfil próprio frente às demais revistas científicas da área de Educação Física.

Quais são as perspectivas para a Revista Motrivivência? O futuro de um instrumento de socialização do conhecimento científico, como é o caso da revista Motrivivência, só pode ser delineado a partir da análise da realidade atual. Essa realidade se contextualiza no avanço da política neoliberal. Conseqüentemente, a capacidade civilizatória das sociedades somente será mantida se for mantido, também, o ímpeto de destruição.

Alguns dados sobre o Índice do Desenvolvimento Mundial – IDH, do Relatório da ONU de 2004, demonstram esse avanço. Os países cresceram menos na década de 1990. Em 46 países, a população está mais pobre, em 25, a fome castiga mais pessoas. O planeta abriga 831 milhões de desnutridos. Em 2002, 11 milhões de crianças morreram antes de completar um ano. Quase 105 milhões de pré-adolescentes não frequentam a escola. Na América Latina e no Caribe, 33 países não conseguirão cumprir as metas que assumiram com a ONU em 2000: reduzir à metade o número de miseráveis que vivem com menos de um dólar por dia, assegurar o acesso das crianças ao ensino fundamental e diminuir em dois terços a taxa de mortes de menores de cinco anos. Em síntese: nos anos em que se radicalizou a política neoliberal, o

mundo tornou-se mais injusto.

No Brasil, no período de governo de Fernando Henrique Cardoso, o IDH subiu de 0,739 para 0,775 (quanto mais perto de um [1], mais desenvolvido socialmente é um país). É um progresso tímido: dá a média de 0,60% de avanço por ano. Cabe lembrar, no período 1970-1980, o IDH brasileiro melhorava ao ritmo de 2,9% ao ano. Mas o que mais demonstra o progresso tão tímido é o fato de o Brasil nunca ter saído do bloco dos países de desenvolvimento médio. O número de pobres permanece muito elevado: 22,4% dos brasileiros estão abaixo da linha de pobreza, ou seja, com uma renda de até dois dólares por dia, o que corresponde a 60 dólares por mês, ou, 180 reais, valor inferior ao salário mínimo vigente no país. Também há outras maneiras de medir a pobreza, entre elas a que é utilizada pela Fundação Getúlio Vargas, que registra a pobreza de 33% da população (ou 56 milhões de pessoas).

A educação continua sendo a dimensão em que o Brasil tem seu melhor desempenho. Entre 177 países, o Brasil é o 62º colocado no sub-índice educação, quando, no global, é o 72º. No entanto, é preciso estar atento para um detalhe: o IDH está medindo somente a quantidade, e não a qualidade educacional. Essa qualidade está em

vias de diminuir de forma preocupante com a proposta de reforma do ensino superior, do Governo Lula. A proposta está fatiada nos seguintes projetos: Projeto Universidade para Todos – PROUNI, adoção de cotas para negros, pardos, índios, ex-presidiários e estudantes vindos do ensino médio público; criação de um fundo que garanta recursos suficientes para o custeio das universidades federais; ciclo básico de dois anos em todas as faculdades, antes de iniciar a formação profissional; eleições diretas para reitores nas universidades públicas e de um pró-reitor acadêmico nas particulares; implantação do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior – SINAES. Diante de todos os projetos, é possível destacar o eixo central: a “desresponsabilização” do Estado com o financiamento, para atender exigência do Banco Mundial e, conseqüentemente, a mercantilização da educação superior pública.

A partir da realidade apresentada, as perspectivas possíveis à revista Motrivivência serão a socialização do conhecimento científico, o estabelecimento de relações e a indicação de proposições. Reconhecemos a importância do conhecimento científico para as alterações, modificações conjunturais e estruturais que se exprimem nas demandas postas à profissão.

Portanto, tais constatações permitem reconhecer que cabe à revista Motrivivência, como instrumento que é para a busca de referências éticas e políticas para a produção e socialização do conhecimento, na perspectiva da superação do capitalismo, intensificar a publicação de estudos e pesquisas que “desvelem as leis econômicas do funcionamento do capitalismo, como modo de produção, a análise das intenções e ações do Estado burguês e as estratégias da luta de classes necessárias para derrubá-lo” (ANDERSON, 1989). Devemos dedicar a vida à obtenção e socialização de conhecimento que ajude a fazer desta nação, o Brasil, um lugar justo.

Referências

- ANDERSON, Perry. Considerações sobre o marxismo ocidental. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LEHER, Roberto. Contra-reforma universitária do governo Lula: protagonismo do Banco Mundial e das lutas antineoliberais. Margem Esquerda. São Paulo, num. 3, 2004.
- ROSSI, Clóvis. Ranking das nações: avanço tímido na era FHC põe o Brasil em 72 em desenvolvimento humano. Folha de São Paulo. São Paulo, 15 jul. 2004. Caderno Brasil.

TAFFAREL, Celi. Concepções de aulas abertas a experiências em Educação Física: discussão de pressuposto em relação a fins e objetivos, à luz da realidade da Educação Física escolar brasileira. Motrivivência. São Cristóvão (Universidade Federal de Sergipe), Rio de Janeiro (SENAI-RJ), 1993.

Contatos:

solange_lacks@uol.com.br

José Américo Santos Menezes
Rua Antônio Freire Piuga, 645 – Atalaia –
Aruana, Aracaju/SE CEP 49045-630

Recebido: agosto/2004

Aprovado: agosto/2004